



GT - 03

1. UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE CULTURA DOS JORNAIS *BRASIL DE FATO* E *ESTADO DE SÃO PAULO*

*Alessandra Possebon**

Resumo

O artigo busca analisar e compreender o processo de construção de notícias, da escolha das pautas às estratégias textuais e visuais nas editoriais de Cultura de dois universos jornalísticos com propostas distintas: o jornal alternativo “Brasil de Fato” e o tradicional “Estado de São Paulo”. Os estudos acadêmicos sobre jornalismo alternativo no Brasil ainda são escassos e muitas vezes estão ligados a resgates históricos da grande produção deste tipo de mídia durante a ditadura militar no país. No entanto, muitos grupos manifestam seus interesses, suas posições críticas à realidade através da construção de meios de comunicação alternativos à grande mídia, estes meios, apesar de na maioria das vezes não possuírem a repercussão e o alcance das grandes empresas de comunicação compõem a esfera pública e são iniciativas que colaboram na construção de uma comunicação mais democrática.

Palavras-chave: jornalismo alternativo; jornalismo cultural; ciberespaço

Resumen

El artículo trata de analizar y comprender el proceso de las noticias de construcción, la elección de los aranceles a las estrategias de la cultura textual y visual de la redacción de dos mundos del periodismo con propuestas diferentes: el periódico alternativo “Brasil Fact” y el tradicional “Estado de Sao Paulo”. Los estudios académicos de periodismo alternativo en Brasil aún son muy escasos ya menudo están vinculados a grandes amortizaciones de producción tradicional de este tipo de medios de comunicación durante la dictadura militar en el país. Sin embargo, muchos grupos han expresado sus intereses, sus posiciones críticas a la realidad mediante la construcción de medios alternativos de medios de comunicación, estos medios de comunicación, aunque en la mayoría de los casos no tienen el impacto y alcance de los grandes medios de comunicación constituyen la esfera pública iniciativas y están cooperando en la construcción de una comunicación más democrática.

Palabras clave: periodismo alternativo; el periodismo cultural; el ciberespacio

* Formada em jornalismo pela Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto), mestranda em Comunicação pela Unesp (Universidade Estadual Paulista), autora do livro *Folia de Reis- Tradição Sustentada pela Fé* (UFPB, 2009) e assessora de imprensa da 10ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto. lelepossebon@hotmail.com



Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

Introdução

Este artigo propõe uma reflexão em torno das diferenças entre as análises culturais do jornalismo alternativo e da grande mídia, tomando como *corpus* os sites dos jornais “Brasil de Fato” e “O Estado de São Paulo”.

Define-se aqui jornalismo alternativo como uma forma de comunicação que nasce com uma proposta diferente em relação às pautas da grande mídia comercial, que é relativamente independente de grandes grupos empresariais e que na maioria das vezes está ligado a um movimento político ou social. Este tipo de comunicação recebe outras nomeações como popular, participativa, radical, horizontal, comunitária¹, entre outras, no entanto, apesar da diversidade de significados aplica-se aqui a breve e romântica definição de Mario Kaplún (1985, p.7): “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”.

Discutir jornalismo alternativo é adentrar em um amplo campo de debate sobre democracia, liberdade e concepção da esfera pública. Dentre as definições de esfera pública, a de Jurgen Habermas (1984) é uma das mais utilizadas nas pesquisas de Comunicação. O autor aproxima a concepção de esfera pública com a de liberdade, a partir dos pensamentos de Aristóteles em que aponta

uma sociedade em que os cidadãos iguais e livres discutem o exercício da política. Para Habermas com o desenvolvimento do capitalismo a esfera pública teve seu lugar tomado pela esfera privada, enfatizando o papel dos meios de comunicação na sociedade, em que os cidadãos conhecem a realidade através de representações (MARCONDES, 2009).

Este conceito de simulacro da realidade a partir da expansão dos meios de comunicação foi revisitado recentemente pelo pesquisador Muniz Sodré (2002), o qual, a partir das três instâncias da vida colocadas por Aristóteles: bios theoretikos (conhecimento), bios politikos (sociabilidade) e bios apoloaustikos (sentidos), propõe uma quarta instância: o bios midiático.

Resumidamente o bios midiático é o espaço social em que a imagem é mais relevante que o real e em que a linha divisória entre o que é real e o que é virtual é tão tênue que torna-se imperceptível, afetando diretamente nas posições que o homem ocupa dentro desta sociedade e em suas relações.

A cobertura dos acontecimentos pelos meios de comunicação é o que prova que tal fato foi realidade, é o que o torna reconhecido. Há uma necessidade de ser visto, dos acontecimentos mais banais como a inauguração de uma loja até os de interesse mais abrangente, como





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

os desvios de verbas públicas. Estar na mídia parece ser a única maneira (ou a mais importante maneira) de registrar a realidade. Este registro passa por inúmeros interesses específicos do grupo que se comunica, mas na comunicação alternativa ganha um sentido peculiar.

Na comunicação comunitária e alternativa as pessoas que a exercitam não o fazem simplesmente para se tornarem visíveis ou para dar visibilidade às suas entidades. Costroem uma visibilidade midiática que subverte a “ordem” de ocupação de espaço na mídia por celebridades. Não se trata de aparição pública em busca de alguns “minutos de fama”, trata-se de uma participação política, uma vontade de interferir para a ampliação da qualidade da cidadania, para a circulação de ideias dissonantes das dominantes e para a transformação social (PERUZZO, 2009, p. 144).

Portanto, não se acredita na inexistência da opinião pública nem na impossibilidade de construção de uma efetiva esfera pública democrática. Todos os espaços de mediações políticas, sociais e culturais, incluindo as esferas de participação cidadã (como os conselhos municipais), assim como os grandes meios de comunicação de massa são instrumentos para a democratização de opiniões.

A comunicação permite o estabelecimento de ligações entre atividades aparentemente contraditórias da sociedade, como o entendimento das atividades dos movimentos sociais, o reconhecimento de diversidades culturais e a integração de gerações. São estes diálogos que

formam a esfera pública. Evidentemente, não podemos trabalhar com idealizações para buscar a compreensão desta esfera tão complexa, mas podemos admitir que “a comunicação é um elemento essencial do jogo democrático” (WOLTON, 2006, p. 119).

José Marques de Melo (2008) coloca que a consolidação e manutenção da democracia dependem do exercício do jornalismo e da liberdade de imprensa, que compõem as bases da cidadania. No entanto, é evidente que os meios de comunicação no Brasil estão restritos a certos grupos políticos e sociais que detêm o direito de informar.

Observando a história do jornalismo no país, pode-se perceber o quanto a imprensa esteve e está distante de ser um instrumento efetivamente democrático e constata-se também que, em todas as épocas, pessoas ou grupos de diversas formações buscaram novos meios de expressar suas ideias, reclamar seus direitos e, em grande parte das vezes, de se opor aos poderes estabelecidos, seja do Estado, da religião, dos partidos ou das forças dos sistemas econômicos. Estes meios de comunicação, felizmente presentes até hoje, acrescentam diversidade de posições e pensamentos à tão restrita esfera pública brasileira.

Este jornalismo alternativo acompanha as inovações da comunicação, com





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

o desenvolvimento do uso das novas tecnologias, especialmente as ferramentas da Internet.

As manifestações da comunicação popular, alternativa e comunitária – do vídeo popular e da rádio livre ou comunitária ao website colaborativo ou ao jornal alternativo de circulação regional ou nacional – expressam o protagonismo de segmentos populacionais descontentes com o *status quo*. Ocorrem no bojo de lutas populares a partir dos lugares de vivências cotidianas nas localidades e em outros espaços de relacionamentos, como o ciberespaço (PERUZZO, 2009, p. 130).

Trabalhar com o jornalismo cultural permite observar com mais nitidez a leitura que cada um dos jornais faz da realidade, pois, a Cultura é um lugar de enfrentamento, de “consentimento e resistência”² em que as identidades se expressam. A liberdade de imprensa é condicionada por interesses de mercado, que privilegiam as elites, que tem o controle majoritário dos meios de comunicação do país. No entanto, esta liberdade é mais abrangente, a reivindicação é do direito de comunicar-se e este direito envolve as mídias comunitárias, locais, participativas e alternativas, é o direito à pluralidade de conteúdos.

A apropriação de canais de comunicação por organizações sem fins lucrativos, em última instância, é uma amostra da exigência dos movimentos sociais e de outras organizações em seu interesse em poder usufruir do direito social à informação, mas também do direito de

liberdade de expressão, e em nível coletivo (PERUZZO, 2002, p.80).

O que se constata na história do jornalismo, a partir da década de 80, é um processo de mobilização da sociedade para a apropriação das novas tecnologias e meios de comunicação, em busca de maneiras de comunicar ideias, as mais diversas possíveis. Dentre essas temáticas a política está presente em muitas publicações de movimentos sociais (jornal *Sem Terra*), partidos políticos (*Opinião Socialista*, jornal do PSTU) ou ideais políticos (*Vermelho, Caros Amigos, Brasil de Fato*).

Esta imprensa alternativa não visa ser um substituto da grande mídia, mas sim tornar a esfera pública mais democrática. São publicações mais opinativas e analíticas, na maioria das vezes com baixas tiragens, periodicidade mensal ou semanal, voltadas para públicos específicos.

A comunicação alternativa já revelou um grande potencial de mobilização e democratização, especialmente as rádios comunitárias, tantas vezes, consideradas ilegais sob o ponto de vista jurídico. A Internet tem sido uma grande ferramenta de expressão destes grupos, por permitir a divulgação mundial de seus ideais e ter baixos custos de manutenção³.

A imagem corrente de que a mídia radical é local precisa ser retificada, pois um exa-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

me minucioso da história e do momento atual revela que isso não é verdade. A mídia radical foi e é uma força global, bem como local e regional (DOWNING, 2002, p. 133-134).

As contradições da mídia contemporânea estão em saber ao mesmo tempo lidar com a dimensão global dos direitos humanos e a diversidade e valorização da cultura.

A mídia assume seu papel quando permite a organização das controvérsias. Ontem, ela devia criar a comunicação, estabelecer mais fluxos entre os diferentes componentes da sociedade. Hoje deve organizar a passagem através dos obstáculos da incomunicação, permitir expor e compreender o choque das lógicas constitutivas da realidade [...] São a própria abertura do espaço público, sua democratização e sua visibilidade que reativam as questões do poder, da autoridade, e de todos os outros modos de regulação (WOLTON, 2006, p.120-122).

As relações de poder permeiam esta busca pelo direito à comunicação, sendo que dentro da estrutura capitalista as classes hegemônicas e o Estado são analisados como controladores e censores da informação, realidade aceita pela maioria da sociedade. Downing (2002) coloca que o papel desta mídia, denominada por ele mídia radical, ao abranger todo tipo de comunicação, do jornalismo às vestimentas, pode ser visto como uma maneira de tentar quebrar o silêncio e contestar as estruturas ideológicas dominantes, é o modelo da contra-informação que existe não só sob regimes

repressores.

Os jornais analisados

Neste estudo trataremos do jornalismo alternativo contemporâneo e da maneira como ele é praticado pelo jornal *Brasil de Fato*. O jornal foi criado em 2001, durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre e mantém sua sede na cidade de São Paulo. É uma publicação semanal que tem como maior objetivo representar a esquerda brasileira e mundial, tendo colaboradores dentro de movimentos sociais brasileiros e também em outros países, como Venezuela, Bolívia, Paraguai, França, Israel e África do Sul.

A tiragem atual do *Brasil de Fato* é de 50 mil exemplares, vendidos nas bancas de jornais dos centros das capitais brasileiras, além dos assinantes e uma cota destinada aos movimentos sociais. Além do jornal impresso, o *Brasil de Fato* mantém um site e uma agência de notícias. O jornal é uma empresa sem fins lucrativos que se mantém pela venda nas bancas, assinaturas e contribuições financeiras de militantes e movimentos sociais, sendo que a equipe do jornal é restrita: são oito profissionais diretamente ligados à produção.

Os jornalistas do *Brasil de Fato* não trabalham com a imparcialidade, pois partem do pressuposto de que os jornais constroem olhares sobre a reali-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

dade e que estes olhares estão embutidos nas produções jornalísticas e não se consideram um instrumento de militância, pois pretendem expressar a pluralidade da esquerda brasileira⁴.

O jornal *O Estado de São Paulo*, acompanhou a história do Estado e do Brasil, tendo sua primeira edição em 1875, com o nome original de “A Província de São Paulo”. O jornal nasceu com ideais republicanos e abolicionistas e tinha tiragem de 2 mil exemplares, sendo que na época a cidade de São Paulo contava com 31 mil habitantes. O nome do jornal mudou em 1890 e nesta mesma década alcançou-se a marca de 18 mil exemplares. *O Estado de São Paulo* é o mais antigo da cidade de São Paulo se mantém com uma das maiores circulações do país. O empreendimento jornalístico faz parte do Grupo Estado que mantém a *Rádio Eldorado*, o *Jornal da Tarde*, *Agência Estado* e o portal na Internet. O jornal coloca como principais objetivos de sua atuação uma visão pluralista e apartidarista⁵.

Análise

A análise, neste artigo, parte das duas páginas de Cultura de ambos os jornais na internet⁶, acessadas no dia 10 de janeiro de 2010. As categorias de análise escolhidas foram: diagramação dos sites, uso de ferramentas de Internet (links, vídeos, áudio, imagens), manchetes, es-

colha das pautas e fontes.

Desde o endereço dos sites já é possível fazer constatações, no caso do jornal “*O Estado de São Paulo*”, o endereço refere-se a arte e lazer, enquanto no “Brasil de Fato” o link indica apenas cultura. A distinção entre o que é Cultura e o que é lazer e qual o verdadeiro papel do jornalismo cultural em uma época em entretenimento e Cultura se confundem é um problema muito discutido pelos profissionais da área a partir da década de 80, quando a ampliação do acesso à televisão e ao entretenimento transforma as maneiras como este jornalismo é construído.

Quanto à diagramação e o uso de ferramentas de Internet, verifica-se que a página de *O Estado de São Paulo* traz muita informação, acompanhando as tendências do webjornalismo de interatividade, convergência, hipertextualidade, memória, personalização e atualização contínua. (GOES, 2008, p.120), enquanto a página do *Brasil de Fato* apresenta poucos desses elementos.

O site *www.estadao.com.br* é rico em boas imagens, em cores e muita informação, o leitor ao observar a página como um todo tem inúmeras opções de links que o podem levar a assistir vídeos, responder enquetes, ler matérias em outras páginas como em *blogs*, ler matérias antigas e ver fotos. É uma página que in-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

dubitavelmente chama a atenção porque apesar da quantidade de informações tem um visual claro e de fácil acesso.

Ao acessar uma das notícias, o leitor também tem muitas opções, pode ler outras matérias publicadas anteriormente sobre o mesmo assunto, enviar por *e-mail*, imprimir ou comentar a notícia, o que torna a leitura ainda mais dinâmica.

O site do *Brasil de Fato* tem poucos elementos, somente *links* para a leitura de alguns textos, sem imagens na primeira página do *link* Cultura. É um site que provavelmente não chamaria a atenção de um leitor que não conhece o jornal impresso. Ao acessar as páginas de notícia elas apresentam, na maioria das vezes, apenas uma imagem e um longo texto.

A diagramação dos textos no site “www.brasildefato.com.br” não gera uma boa visualização, pois há excesso de espaços em branco entre os parágrafos. O único elemento característico da linguagem para Internet é que o leitor pode escrever comentários sobre cada matéria.

As manchetes principais eram no *O Estado de São Paulo*: “HQ ‘Jimmy Corrigan’ usa publicidade e design gráfico” e no *Brasil de Fato*: “Literatura para conhecer e formar o Brasil”. A tendência de matérias mais ligadas ao entretenimento em *O Estado de São Paulo* e vinculadas às políticas culturais no jornal *Brasil de Fato*

podem ser percebidas nas manchetes que ocupam as duas páginas.

As quatro manchetes principais dos dois sites foram:

O Estado de São Paulo	Brasil de Fato
“Hebe passa bem após cirurgia”	“Livro homenagem Noel Rosa”
“Sherlock Holmes é principal estréia”	“Movimento hip-hop busca rearticulação e trabalho social”
“Caras e Bocas termina bem: 41 pontos no IBOPE”	“A reforma agrária em movimento”
“Marilyn Manson vai se casar com atriz Evan Rachel Wood”	“Fotógrafo é premiado com imagens do MST”

A partir destas quatro chamadas é possível perceber as linhas editoriais dos cadernos de Cultura dos dois jornais, no *O Estado de São Paulo* os títulos das matérias revelam um jornal voltado para a classe média, que tem acesso aos cinemas brasileiros, que valoriza os artistas ligados às grandes redes televisivas ou que estão sempre na grande mídia. Enquanto isso, *Brasil de Fato* se revela um jornal voltado para um público que busca a valorização da cultura nacional e que apóia de alguma forma os movimentos sociais, especialmente o MST.





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

Partimos agora para uma breve análise de cada matéria selecionada:

- “HQ ‘Jimmy Corrigan’ usa publicidade e design gráfico” (*O Estado de São Paulo*) – a matéria aborda uma história norte-americana recentemente lançada no Brasil;
- “Hebe passa bem após cirurgia” (*O Estado de São Paulo*)- matéria fala sobre a internação da apresentadora do SBT;
- “Sherlock Homes é principal estreia” (*O Estado de São Paulo*)- nota faz parte da agenda cultura da cidade de São Paulo, que conta também com a exibição de outros filmes estrangeiros;
- “Caras e Bocas termina bem: 41 pontos no IBOPE” (*O Estado de São Paulo*)- matéria refere-se a novela da rede Globo que terminou no dia 8 de janeiro;
- “Marilyn Manson vai se casar com atriz Evan Rachel Wood” (*O Estado de São Paulo*)- nota de agência inglesa fala sobre a matéria que saiu na revista “People”;
- “Literatura para conhecer e formar o Brasil” (*Brasil de Fato*) – matéria fala sobre simpósio que aconteceu em Brasília que discutiu a formação da literatura brasileira;
- “Livro homenageia Noel Rosa” (*Brasil de Fato*)- lançamento da editora Expressão Popular, que apóia

as publicações de movimentos sociais como o próprio jornal;

- “Movimento Hip-Hop busca rearticulação e trabalho social” (*Brasil de Fato*)- matéria abrange encontro de Hip- Hop que aconteceu na periferia de Curitiba;
- “A reforma agrária em movimento” (*Brasil de Fato*)- exposição de fotógrafo que acompanhou as atividades do MST durante 26 anos é exposta em várias cidades do país;
- “Fotógrafo é premiado com imagens do MST” (*Brasil de Fato*)- a matéria fala sobre prêmio do Banco do Brasil concedido à estudante que acompanhou a marcha do MST pelo nordeste. A página traz as fotos e a matéria premiada.

Nesta breve análise percebe-se que os jornalistas de *O Estado de São Paulo* voltam-se para a grande mídia, da qual eles fazem parte, as matérias envolvem grandes redes de televisão, cinema, música e editoras. Enquanto que o “Brasil de Fato” volta-se para eventos pequenos acontecidos nas periferias ou para atividades culturais vinculadas ao MST.

Nas matérias citadas do jornal “Estado de São Paulo”, as reportagens são curtas, na maioria das vezes contam com a colaboração de agências de notícias e apresentam como fontes, quando estas aparecem, assessorias de imprensa ou pessoas ligadas aos grandes grupos já





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

citados. Já as reportagens do “Brasil de Fato” são mais longas e buscam ser mais abrangentes e opinativas, contam com fontes da classe trabalhadora e mesmo ao divulgarem eventos buscam ampliar o formato “agenda” para oferecer material mais completo ao leitor.

Em relação ao formato “agenda” não critica-se aqui o fato do jornal “Estado de São Paulo” informar alguns dados de maneira objetiva e clara sobre os eventos culturais como o valor do ingresso e horário da sessão, prática esta já comum no jornalismo como um todo, o que se coloca é que o jornalismo cultural é muito mais do que dados superficiais sobre os eventos porque tem um papel relevante em ser difusor de ideias e em propor debates sobre o que é produzido na área cultural.

A maneira como as reportagens são escritas também é uma diferença entre os dois jornais, no caso do “Estado de São Paulo”, fica claro o uso do *lead*, do contato com fontes consideradas oficiais como as assessorias de imprensa e do uso pelos jornalistas do “Manual de Redação e Estilo-O Estado de São Paulo” que normatiza a linguagem utilizada no jornal. Já no “Brasil de Fato” é possível constatar uma certa informalidade na linguagem, não há uma normatização da língua portuguesa, o que leva a um espectro maior de formas de apresentar as notícias.

Conclusões

Nesta análise constata-se que os dois jornais estudados apresentam olhares sobre a realidade bastante distintos e, portanto imprescindíveis para a criação e manutenção de uma esfera pública plural. As dificuldades para a construção deste espaço democrático de comunicação no Brasil continuam a ser inúmeras, como em toda a história do jornalismo nacional, porém, grupos que conseguem construir estes espaços estão presentes em todas as épocas e são os responsáveis por coberturas mais abrangentes e diferenciadas das pautas da grande mídia.

Apesar das diferentes propostas os jornais apresentam traços em comum que refletem a realidade do jornalismo cultural como um todo. Em ambos, poucas fontes foram ouvidas, falta a presença do crítico e de matérias mais aprofundadas, as reportagens envolvem apenas o fato que estão tratando naquele momento e não buscam uma contextualização histórica.

As ferramentas de Internet que permitem que o leitor comente ou envie o que leu para outras pessoas são elementos que colaboram de certa maneira para a democratização da informação. No caso do site do “Brasil de Fato” em que utiliza-se muito pouco estas ferramentas, perde-se uma oportunidade de conquistar novos leitores, de transmitir a infor-





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

mação de maneira inovadora em relação ao que o jornal impresso permite, apesar da realidade brasileira em que a maioria da população ainda não tem acesso à Internet.

A preocupação com a velocidade e com o visual, presentes em “O Estado de São Paulo” e a importância dada aos movimentos políticos em “Brasil de Fato” se complementam e são o leitor e a sociedade como um todo que ganham com a amplitude de vozes e opiniões, ainda mais em um país com tanta riqueza em manifestações culturais.

Finalizamos este artigo com a fala do educador Pereira Filho:

A possibilidade de consolidação da democracia brasileira está diretamente ligada à garantia efetiva da liberdade de expressão e de opinião - e à existência de veículos de informação que possam dar vazão a essa multiplicidade de vozes, jeitos, sotaques, anseios, correntes ideológicas e visões de mundo (PEREIRA FILHO, 2004, p. 225).



Referências bibliográficas

DOWNING, John. *Mídia Radical*. Editora SENAC: São Paulo, 2002.
GOES, Laércio Ferreira. *Agências de notícias alternativas na web*. Dissertação de

Mestrado. Salvador: UFBA, 2008.

KAPLÚN, Mário. *El comunicador popular*. Quito: CIESPAL, 1985.

MARCONDES, Ciro Filho. *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. *O Capital da Notícia*. São Paulo: Ática, 1989.

MELO, José Marques. *História Política das Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* vol XXV, n. 2, julho/dezembro de 2002.

_____. *Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço*. *Revista Galáxia*, São Paulo, nº 17, jun/2009, pp. 131-146.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Por um conceito de minoria* in: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Ed. Paulus 2006.





Experiências de Mídia Alternativa e Cultura na América Latina

Notas

¹ As diferenças entre estas nomenclaturas podem ser encontradas no artigo “Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária”, apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) pela pesquisadora Cícilia Maria Krohling Peruzzo.

² O pesquisador Stuart Hall utiliza esta definição quando discute o que é a cultura popular em sua obra “Da Diáspora” (UFMG, 2001).

³ Portais como <http://www.direitoacomunicacao.org.br>, <http://www.correiocidadania.com.br> e <http://www.brasil.indymedia.org> (Centro de Mídia Independente).

⁴ Informação concedida pelo editor-chefe do jornal Nilton Viana em entrevista realizada em maio de 2009.

⁵ Informações retiradas do site www.estadao.com.br

⁶ “Estado de São Paulo”: <http://www.estadao.com.br/arteelazer/>

“Brasil de Fato”: <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/cultura>

